

Área: Sustentabilidade | Tema: Educação e Sustentabilidade

**APRENDIZAGEM SOCIAL PARA SUSTENTABILIDADE EM UMA INICIATIVA UNIVERSITÁRIA: A
POLIFEIRA DO AGRICULTOR**

**SOCIAL LEARNING FOR SUSTAINABILITY IN A UNIVERSITY INITIATIVE: THE FARMER MULTI-
MARKET**

Rodrigo Reis Favarin, Nathália Rigui Trindade, Carlos Rafael Röhrig Da Costa, Marcelo Trevisan, Roberto
Schoproni Bichueti e Hazael Soranzo De Almeida

RESUMO

A Polifeira do Agricultor é um projeto de extensão do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que possibilita a interação entre diversos atores sociais, dentre eles universidade, comunidade e pequenos agricultores da região, sendo uma iniciativa propulsora do desenvolvimento local. Dentre seus objetivos, pode-se destacar o incentivo à agricultura limpa, apoiando os produtores na mudança da forma de produzir e fornecendo produtos de maior qualidade e mais saudáveis à comunidade. Essa preocupação com o elevado uso de agrotóxicos em uma produção convencional foi o fato que motivou o desenvolvimento do projeto. Desta forma, o presente estudo tem por objetivo identificar aspectos da aprendizagem social para a sustentabilidade na Polifeira do Agricultor. Para tanto, além da observação direta, realizaram-se entrevistas com doze agricultores participantes da feira e com dois atores que são responsáveis pelo funcionamento da iniciativa. Como resultados, tem-se a identificação de elementos da aprendizagem social para a sustentabilidade que fazem parte do projeto, como o estímulo de pessoas a desafiar práticas existentes; o envolvimento social entre os atores para o desenvolvimento de competências e a aprendizagem social sendo vista como um meio para se alcançar algo, mas também como um fim.

Palavras-Chave: Aprendizagem Social; Agricultura familiar; Produção limpa; Polifeira do Agricultor;

Desenvolvimento Sustentável

ABSTRACT

The Farmer's Multi-market Polifeira is an extension project of the Polytechnic College of the Federal University of Santa Maria (UFSM), which enables interaction among various social actors, among them university, community and small farmers in the region, being an initiative that drives local development. Among its objectives, we can highlight the incentive to clean agriculture, supporting producers in changing the way they produce and supplying higher quality and healthier products to the community. This concern with the high use of agrochemicals in a conventional production was the fact that motivated the development of the project. In this way, the present study aims to identify aspects of social learning for sustainability in the Farmer's Pole. For this, in addition to the direct observation, interviews were conducted with twelve farmers participating in the fair and with two actors who are responsible for the operation of the initiative. As results, we have identified elements of social learning for sustainability that are part of the project, such as encouraging people to challenge existing practices; the social involvement between actors for the development of skills and social learning being seen as a means to achieve something, but also as an end.

Keywords: Social Learning; Family farming; Clean production; Farmer's Muti-market; Sustainable
development

Eixo temático: Sustentabilidade – Educação e Sustentabilidade

**APRENDIZAGEM SOCIAL PARA SUSTENTABILIDADE EM UMA INICIATIVA
UNIVERSITÁRIA: A POLIFEIRA DO AGRICULTOR**

**SOCIAL LEARNING FOR SUSTAINABILITY IN A UNIVERSITY INITIATIVE:
THE FARMER MULTI-MARKET**

RESUMO

A Polifeira do Agricultor é um projeto de extensão do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) que possibilita a interação entre diversos atores sociais, dentre eles universidade, comunidade e pequenos agricultores da região, sendo uma iniciativa propulsora do desenvolvimento local. Dentre seus objetivos, pode-se destacar o incentivo à agricultura limpa, apoiando os produtores na mudança da forma de produzir e fornecendo produtos de maior qualidade e mais saudáveis à comunidade. Essa preocupação com o elevado uso de agrotóxicos em uma produção convencional foi o fato que motivou o desenvolvimento do projeto. Desta forma, o presente estudo tem por objetivo identificar aspectos da aprendizagem social para a sustentabilidade na Polifeira do Agricultor. Para tanto, além da observação direta, realizaram-se entrevistas com doze agricultores participantes da feira e com dois atores que são responsáveis pelo funcionamento da iniciativa. Como resultados, tem-se a identificação de elementos da aprendizagem social para a sustentabilidade que fazem parte do projeto, como o estímulo de pessoas a desafiar práticas existentes; o envolvimento social entre os atores para o desenvolvimento de competências e a aprendizagem social sendo vista como um meio para se alcançar algo, mas também como um fim.

Palavras-chave: Aprendizagem Social; Agricultura familiar; Produção limpa; Polifeira do Agricultor; Desenvolvimento Sustentável

ABSTRACT

The Farmer's Multi-market Polifeira is an extension project of the Polytechnic College of the Federal University of Santa Maria (UFSM), which enables interaction among various social actors, among them university, community and small farmers in the region, being an initiative that drives local development. Among its objectives, we can highlight the incentive to clean agriculture, supporting producers in changing the way they produce and supplying higher quality and healthier products to the community. This concern with the high use of agrochemicals in a conventional production was the fact that motivated the development of the project. In this way, the present study aims to identify aspects of social learning for sustainability in the Farmer's Pole. For this, in addition to the direct observation, interviews were conducted with twelve farmers participating in the fair and with two actors who are responsible for the operation of the initiative. As results, we have identified elements of social learning for sustainability that are part of the project, such as encouraging people to challenge existing practices; the social involvement between actors for the development of skills and social learning being seen as a means to achieve something, but also as an end.

Keywords: Social Learning; Family farming; Clean production; Farmer's Multi-market; Sustainable development

1 INTRODUÇÃO

Ao considerar problemas como a exaustão dos recursos limitados e a poluição do meio ambiente, bem como a degradação do bem-estar humano, observa-se o desencantamento com o industrialismo, tornando-o centro de muitas discussões sobre o modelo de desenvolvimento adotado nas últimas décadas. Cada vez mais fala-se sobre a necessidade de um novo modelo de desenvolvimento, que leve em consideração a melhoria qualitativa do ambiente humano e que, sobretudo, seja um processo de equalização social e econômica (RAMOS, 1981). O conceito de desenvolvimento sustentável (DS) surge, então, buscando não somente compreender os limites do crescimento econômico, mas principalmente da responsabilidade do sistema econômico em proporcionar uma sociedade mais sustentável, pautada em valores humanos e ambientais.

Neste contexto, o documento adotado na Assembleia Geral da ONU em 2015, “Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável”, traz o desenvolvimento sustentável da agricultura como um dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Devido a sua relação direta no manejo de recursos naturais e na produção de alimentos harmoniosa com a preservação ambiental, a agricultura pode ser considerada peça fundamental para alcance do DS (ALTIERI, 1995). Neste sentido, as atividades de pequenos agricultores são citadas como importantes molas propulsoras deste novo formato de desenvolvimento, pois se comparada com a agricultura de extensão, é considerada de menos impacto ambiental e, ainda, maior benefício social ao valorizar o trabalho familiar (COSTABEBER E CAPORAL, 2003).

Cruz e Valente (2004) evidenciam a relação entre os pequenos agricultores e o desenvolvimento local sustentável, uma vez que este enfatiza a dimensão territorial ao considerar as pessoas e instituições locais como importantes atores sociais que, ao valorizar e explorar suas próprias características e potencialidades, podem contribuir com a especialização de atividades produtivas mais limpas e sustentáveis, trazendo vantagens econômicas, sociais e ambientais. Neste sentido, D'Angelo e Brunstein (2014, p.1) defendem que a criação de “soluções sociais, ambientais e econômicas dependem de ações coordenadas entre os diversos atores sociais que estão envolvidos na rede e exigem que eles aprendem novos métodos de negócios”, evidenciando a aprendizagem social como uma importante ferramenta no processo de construção de conhecimento e desenvolvimento de novas práticas atrelados ao DS.

Assim, iniciativas que incentivem a agricultura sustentável, oferecendo oportunidades aos pequenos agricultores, são cada vez mais necessárias. Na cidade de Santa Maria, localizada no estado do Rio Grande do Sul, vislumbrando minimizar o estresse envolvido nas escolhas alimentares e, preservar a identidade e cultura alimentar do território, surge a iniciativa Polifeira do Agricultor. Na Polifeira é vedada a intermediação, e somente são comercializados alimentos produzidos pelos próprios agricultores. Além disso, preza-se pela produção limpa e representa um espaço apropriado e seguro para a comercialização daquilo que os pequenos agricultores locais produzem (UFSM, 2018).

Tendo em vista o panorama apresentado, o presente estudo busca responder a seguinte questão de pesquisa: Como a aprendizagem social para sustentabilidade está presente na Polifeira do Agricultor? Para tanto, estabeleceu-se como objetivo geral identificar aspectos da aprendizagem social para a sustentabilidade na Polifeira do Agricultor. Buscando atingir ao objetivo definido, três são os objetivos específicos: a) averiguar a forma com que os agricultores aprenderam sobre as suas funções; b) investigar quais são as mudanças que a Polifeira trouxe para o desenvolvimento das atividades dos agricultores envolvidos; c) analisar os fatores identificados sob a ótica da teoria da aprendizagem social para sustentabilidade.

Almejando discutir aspectos ligados à aprendizagem social para sustentabilidade na Polifeira do Agricultor, a presente pesquisa está estruturada em seis seções, sendo esta

introdução a primeira delas. Na sequência apresenta-se o referencial teórico, método, apresentação da Polifeira do Agricultor, a relação entre Aprendizagem Social e a Polifeira do Agricultor, considerações finais e referências utilizadas.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, apresenta-se tanto uma breve consideração sobre o mercado local, pequenos agricultores e sua interface com o desenvolvimento local sustentável, bem como o papel da aprendizagem social para a sustentabilidade.

2.1 MERCADO LOCAL E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Cada vez mais questões ambientais, econômicas e sociais são temas de discussões sobre a degradação do meio ambiente e da vida, revelando a incompatibilidade do modelo de desenvolvimento capitalista com o bem-estar humano e do planeta. Este cenário leva a pensar no futuro da humanidade e no bem-estar das gerações futuras, e é nesse sentido que surge o desenvolvimento sustentável como conceito capaz de encontrar soluções para esses desafios, sugerindo um novo modelo de desenvolvimento. O progresso em direção ao desenvolvimento sustentável depende das relações sociais e econômicas existentes entre indivíduos, instituições, governo, entre sociedade e meio ambiente (UNESCO, 2005).

Assim, para que se alcance o desenvolvimento sustentável o crescimento econômico é necessário, mas não exclusivo, deve haver prudência ecológica no uso dos recursos naturais e, também, maior atenção com objetivos sociais como a redução da pobreza e das desigualdades (SACHS, 2001). Recentemente, durante a Cúpula de Desenvolvimento Sustentável, em 2015, os países tiveram a oportunidade de adotar a nova agenda de desenvolvimento sustentável e chegar a um acordo global sobre a mudança climática e demais desafios da sustentabilidade. Baseados nos oito Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) que foram foco de atenção de 2000 a 2015, as Nações Unidas, em conjunto aos governos, sociedade civil e outros parceiros, elaboraram uma agenda de desenvolvimento pós-2015, a Agenda 2030. O texto final da Agenda 2030 propõe 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com 169 metas sobre questões de desenvolvimento sustentável (ONU, 2015).

Dentre os 17 ODSs definidos, o segundo consiste em “acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável” (ONU; 2015, p.16). Para alcance deste objetivo, vislumbra-se dobrar a produtividade agrícola e a renda dos pequenos produtores de alimentos, especialmente das mulheres, povos indígenas, agricultores familiares, pastores e pescadores, oferecendo oportunidades por meio de acesso seguro e igual à terra, outros recursos produtivos e insumos, conhecimento, serviços financeiros, mercados e oportunidades de agregação de valor e de emprego não-agrícola (ONU, 2015). Este objetivo destaca a importância dos pequenos agricultores no desenvolvimento sustentável local.

Além disso, conforme Cruz e Valente (2004), os pequenos agricultores, principalmente a agricultura familiar apresenta importantes contribuições para o mercado local dentre elas estão: i) garantir a segurança alimentar; ii) função econômica local; iii) geração de emprego e renda; iv) preservação ambiental e; v) benefícios socioculturais, tendo em vista o resgate de um modo de produção de associa conceitos de cultura, tradição e identidade. Fica evidente, então, que a atividade dos pequenos agricultores incentiva a valorização do desenvolvimento local nas três dimensões do desenvolvimento sustentável, a saber: ambiental – proximidade do acesso aos produtos, reduzindo deslocamentos; econômico – geração e circulação de renda na própria comunidade e; social – valorização da cultura e métodos alternativos de produção.

A partir desta concepção de desenvolvimento sustentável é que se torna cada vez mais necessárias políticas públicas e ações integradas entre atores sociais, comunidade, universidade,

empresas e cidadãos que visem incentivar a agricultura sustentável, oferecendo oportunidades aos pequenos agricultores, a partir de programas de capacitação e criação de feiras que oportunizem espaços apropriados de comercialização de produtos e trocas de conhecimentos.

2.2 APRENDIZAGEM SOCIAL PARA SUSTENTABILIDADE

A proposta inicial da Aprendizagem Social (AS) desenvolvida nos anos setenta por Albert Bandura, tem o intuito de descrever como os indivíduos aprendem e alteram o seu comportamento em contextos sociais (BANDURA, 1977). Porém com o passar dos anos, a teoria da aprendizagem social também começou a ser estudada nas organizações empresariais e com o seu foco voltado para a sustentabilidade (KEEN, BROWN e DYBALL, 2005; GLASSER, 2007; KILVINGTON, 2010). Com relação aos inúmeros estudos que se utilizam da teoria, torna-se importante frisar a interdisciplinaridade do tema, que perpassa por diversas áreas do conhecimento (RODELA, 2013).

A sustentabilidade não se limita a um objetivo final estático, mas a um processo de aprendizado contínuo que busca chegar em um estado desejado (WALS e RODELA, 2014). Desta forma, Amaral e Brunstein afirmam que para ir além de abordagens superficiais, a aprendizagem social pode estimular pessoas a desafiar práticas existentes, podendo ser desencadeada por um conjunto de competências que estão presentes nos sistemas sociais. Estudos iniciais sobre o tema foram direcionados para contextos de gerenciamento de recursos naturais, como por exemplo, em comitês de bacias hidrográficas e dos solos, sendo que nos últimos anos podem ser encontrados estudos que investigam cenários pelos quais se busca o retorno financeiro ao mesmo tempo que se considera a importância dos recursos naturais (D'ÂNGELO e BRUNSTEIN, 2014).

Para Kilvington (2010) a aprendizagem social não se refere a um modelo, mas sim a um conjunto de condições ou premissas, cuja gestão é importante para que as partes interessadas encontrem soluções para os seus problemas. A autora também expõe que não existe uma posição inicial específica e nem passos definidos que devem ser seguidos, mas sim a aplicação de ideias para melhorar a situação atual, por meio da aprendizagem e adaptação. Em uma visão diferente de Kilvington (2010), Ison, Blackmore e Iaquinto (2013) afirmam que quando a aprendizagem social é utilizada como um processo, ela é sistemática e alcançável seguindo instruções passo-a-passo.

Kilvington (2010) explica que a aprendizagem social pode ser vista como um meio para se alcançar algo, ou como um fim, ou seja, vista como um resultado, entretanto o tema é normalmente considerado um “um meio para um fim”, quando relacionado com o desenvolvimento sustentável ou gestão ambiental. Ainda para a autora, é possível “considerar a aprendizagem social como uma coleção de elementos críticos para entender e apoiar os fatores sociais e situacionais que sustentam a resolução complexa de problemas ambientais” (KILVINGTON, 2010, p. 65).

Em uma outra posição referente a aprendizagem social, os autores do projeto Harmonicop, que investigaram a teoria ligada ao gerenciamento de bacias hidrográficas europeias, apontam que o ponto inicial é o contexto que está sendo investigado e que as atividades são praticadas por meio de práticas relacionais (envolvimento social) e o fim são os resultados, também denominados de qualidades técnicas e relacionais (HARMONICOP, 2005). Nesta visão a aprendizagem social é entendida como “aprender juntos para gerenciar juntos”.

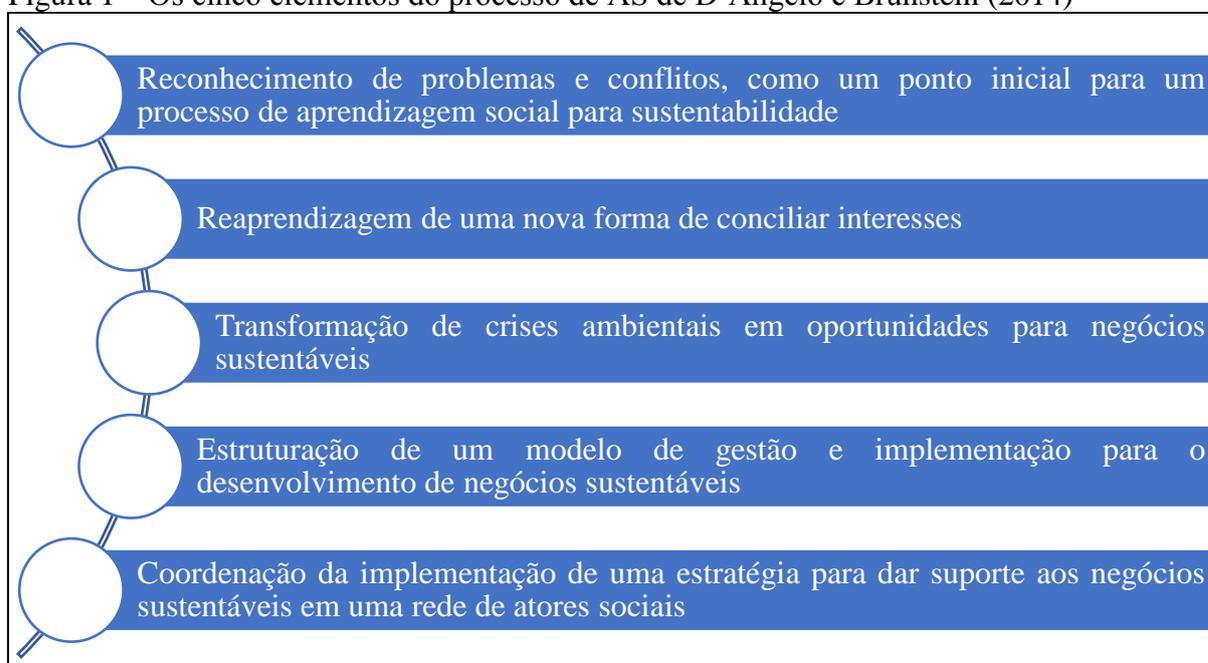
A aprendizagem social para a sustentabilidade dentro em um contexto organizacional é investigada por Bouwen e Taillieu (2004), no qual os autores entendem a aprendizagem social ligada a aprendizagem organizacional em projetos colaborativos relacionados a recursos naturais e múltiplos atores. Ainda de acordo com os autores a aprendizagem social baseia-se no paradigma do construtivismo social, cujo lócus de aprendizagem está situado nas relações

sociais e não simplesmente nas mentes das pessoas (abordagem cognitivista). Ou seja, conhecimento e realidade são construídos por meio de interações sociais durante práticas e experiências conjuntas, quando os participantes se encontram em ações e conversas comuns em diferentes níveis de atividade (BOUWEN E TAILLIEU, 2004).

Amaral e Brunstein (2017) ao investigar uma rede de empreendimentos pertencente ao Programa Mulher Empreendedora do Instituto Consulado da Mulher, a principal ação social da marca Consul, identificaram três fatores-chave responsáveis por estimular a aprendizagem social: (a) a possibilidade da troca de experiências; (b) o estímulo à qualidade de um diálogo mais aberto e democrático; e (c) a necessidade de um mediador, o Educador Social, responsável pelo processo de facilitação das discussões e reflexões.

D'Angelo e Brunstein (2014) identificaram cinco elementos que integram o processo de aprendizagem social para sustentabilidade do ponto de vista da agricultura sustentável em estudo com uma organização com fins lucrativos. A Figura 1 apresenta os cinco elementos deste processo.

Figura 1 – Os cinco elementos do processo de AS de D'Angelo e Brunstein (2014)



Fonte: Elaborado pelos autores com base em D'Angelo e Brunstein (2014)

Como pode ser visto na Figura 1, os elementos compreendem desde o reconhecimento do problema que será tratado, o reaprender para começar a trabalhar em cima do problema, conseguir transformar esse problema em oportunidade de negócio, ter um modelo estruturado para que o desenvolvimento das atividades seja possível e também coordenar os esforços para dar suporte aos negócios sustentáveis.

3 MÉTODO

Este trabalho objetivou identificar aspectos da aprendizagem social para a sustentabilidade na Polifeira do Agricultor. Para isso, foram elaborados os objetivos específicos a) averiguar a forma com que os agricultores aprenderam sobre as suas funções; b) investigar quais são as mudanças que a Polifeira trouxe para o desenvolvimento das atividades dos agricultores envolvidos; c) analisar os fatores identificados sob a ótica da teoria da aprendizagem social para sustentabilidade.

O estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva. Segundo Godoy (1995), nos estudos qualitativos, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, sendo analisado em uma perspectiva integrada. O estudo tem caráter descritivo, pois não objetivou a elaboração de hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto estudado (CERVO, BERVIAN, & SILVA, 2007).

Além disso, visou a descrever as características de determinada população ou fenômeno (GIL, 2009), ou seja, as particularidades da Polifeira do Produtor, assim como aspectos que demonstram a aprendizagem social naquele contexto. Delineia-se ainda como estudo de caso, tendo um caráter de profundidade e detalhamento em uma unidade específica, a Polifeira do Agricultor (YIN, 2010).

Para a coleta de dados, foram utilizados, além da observação direta pelos autores, dois roteiros preestabelecidos de entrevistas semiestruturadas, o que possibilitou o *feedback* e os esclarecimentos acerca das perguntas (MALHOTRA, 2006). Nessa oportunidade, um roteiro de entrevistas, com base em roteiro semiestruturado, foi aplicado com produtores rurais participantes da Polifeira. De maneira a facilitar a apresentação dos entrevistados, cada um recebeu uma sigla composta pela letra E seguida de um número de 1 a 12 (E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11 e E12). O segundo roteiro de entrevistas foi aplicado com dois integrantes da organização da Polifeira. Um deles, coordenador técnico responsável, o outro representante dos agricultores.

Para a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo que segundo Fernandes (2008) se refere a análise da fala em contexto, auxiliando a compreender como as pessoas pensam e agem no mundo concreto. Para a análise foram utilizados os elementos do estudo de D'Angelo e Brusntein (2014) que investigaram um programa referente a agricultura familiar, contexto similar ao analisado neste estudo.

4 A POLIFEIRA DO AGRICULTOR

A Polifeira do Agricultor teve as suas atividades iniciadas em abril de 2017, e é fruto de um projeto de extensão do Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria. A ideia de promover a feira surgiu de uma experiência desenvolvida pelo Politécnico em Santiago, que trazida para Santa Maria pelo professor Gustavo Pinto, foi aceita pela reitoria da Universidade de Santa Maria, e colocada em prática juntamente com colegas do próprio colégio, auxílio de produtores rurais e da Secretaria de Desenvolvimento Agrário da Prefeitura Municipal de Santa Maria. Com o slogan “Do campo ao campus”, o objetivo da Polifeira do Agricultor é oferecer ao público consumidor uma alternativa saudável e acessível de alimentos.

A estrutura de pessoal atualmente envolvida no projeto conta com três atores principais: o professor do colégio politécnico Gustavo Pinto da Silva, como idealizador do projeto e coordenador geral; Hazael Soranzo de Almeida, como coordenador técnico responsável; e Geraldo André Raddatz como representante dos agricultores. Além dos atores já citados, o projeto conta ainda com o apoio de quatro bolsistas: estudantes do curso técnico agropecuário, curso técnico em gestão e meio ambiente, curso de técnico de alimentos e do curso de jornalismo, que auxiliam no andamento das atividades do projeto.

Com uma grande variedade de frutas, hortaliças e também produtos da agroindústria como panificados, derivados de leite e embutidos, o projeto tem como regra geral que somente podem ser comercializados alimentos produzidos pelos próprios agricultores, sendo vedada a intermediação. Outro diferencial da Polifeira se refere à busca por um processo de produção limpo, ou seja, sem a presença de agrotóxicos, no qual os agricultores são instruídos e cobrados a utilizarem somente produtos que não tragam malefícios para a saúde.

Para o início da feira foram convidadas 82 famílias, sendo que destas, 30 concordaram em participar das atividades. Um edital então foi aberto para trazer legalidade ao processo de seleção dos produtores, e das 30 famílias que haviam sinalizado positivamente quanto às suas participações no projeto, 18 efetivamente iniciaram com a Polifeira do Agricultor. No decorrer do primeiro ano alguns produtores optaram por deixar o projeto, devido a incompatibilidade das suas formas de produção e/ou problemas pessoais. No início do segundo ano um novo edital foi aberto para a seleção de novos integrantes, e até o início de junho de 2018, seis novos integrantes já haviam sido adicionados ao projeto, totalizando 19 produtores ativos no projeto.

Neste novo edital foram procurados os agricultores e/ou cooperativas de agricultura familiar que tenham como objetivo principal a comercialização dos seguintes produtos: arroz descascado de engenho próprio, derivados de carne, leite e derivados, suco de frutas, flores e mudas florestais/medicinais, frutas, mel e produtos agrícolas e ovos. A Polifeira ainda não conta com a venda de mel e ovos, pois a Vigilância Sanitária cobra inspeção sanitária do local, e nenhum produtor conta com tal exigência. Torna-se importante salientar que a definição de novos produtos parte de sugestões dos próprios consumidores da feira.

A Polifeira do Agricultor, que funciona nas quintas-feiras no campus da Universidade Federal de Santa Maria, ganhou mais um dia de funcionamento em um local diferente. A feira começou a funcionar nas terças-feiras em uma praça central de Santa Maria, com o objetivo de disponibilizar os seus produtos para as pessoas que não tem o costume de se deslocar até o campus da universidade.

4.1 OS PRODUTORES

Os produtores contam com visitas técnicas realizadas em suas propriedades com o objetivo de acompanhamento das suas atividades e resolução de dúvidas, proporcionando também uma experiência prática para os alunos do Colégio Politécnico, e com cursos e palestras oferecidos pelos professores do Colégio Politécnico. Nas visitas técnicas também é realizada a coleta de amostras para que o controle do uso de agrotóxicos seja realizado.

De um total de 19 agricultores ativos no momento da coleta dos dados, 12 fizeram parte desta investigação. O Quadro 1 apresenta algumas informações sobre os entrevistados.

Quadro 1 – Informações sobre os produtores que participaram da pesquisa

Entrevistado	Cidade/localidade	Quando iniciou no projeto	Participa de outra feira?
E1	Santa Maria	Início (2017)	Sim
E2	Santa Maria	Início (2017)	Sim
E3	Santa Maria	2018	Sim
E4	Santa Maria	Início (2017)	Sim
E5	São Marcos	Início (2017)	Não
E6	São João do Polêsine	2018	Não
E7	Santa Maria	Início (2017)	Não
E8	Santa Maria	Início (2017)	Sim
E9	Santa Maria	Início (2017)	Não
E10	Aracaju/Sergipe	2018	Sim
E11	Santa Maria	Início (2017)	Não
E12	Santa Maria	Início (2017)	Não

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme apresentado no Quadro 1, a maioria dos entrevistados são residentes de Santa Maria e iniciaram as atividades na feira desde a sua inauguração. Com relação a participação em feiras, a metade dos produtores realizam a comercialização de seus produtos em outras feiras, enquanto a outra metade atende apenas a Polifeira.

5 APRENDIZAGEM SOCIAL E A POLIFEIRA DO AGRICULTOR

Esta seção será dividida em três partes: em um primeiro momento será abordada a forma com que os produtores aprenderam a exercer a sua profissão, logo após serão apresentadas as mudanças advindas da participação na Polifeira do Agricultor, e por fim estas mudanças serão analisadas à luz da teoria da aprendizagem social para sustentabilidade.

5.1 APRENDIZAGEM DAS TAREFAS

Com relação a forma com que aprenderam a exercer a profissão de produtores, nove dos dozes entrevistados (E1, E2, E4, E5, E6, E7, E9, E11 e E12) obtiveram o conhecimento ainda pequenos, com os seus familiares. Cabe salientar, que em sua maioria, eles aprenderam a realizar as atividades conforme a orientação dos pais, que não contavam com o auxílio de técnicos/especialistas no assunto, desenvolvendo as técnicas com base na tentativa e erro.

Os demais produtores começaram a exercer as atividades mais tarde. O entrevistado E3 resolveu investir na produção de sucos e vinhos porque apreciava as bebidas e sempre almejou produzir a sua própria bebida; o entrevistado E8 começou a produzir as hortaliças quando o sogro ficou doente e precisava de uma renda extra e o entrevistado E10 aprendeu a plantar/beneficiar o arroz quando começou a fazer parte de um assentamento rural, no qual teve a oportunidade de aprender o ofício com os colegas mais experientes.

5.2 AS MUDANÇAS GERADAS PELA POLIFEIRA

No que diz respeito às mudanças ocorridas em virtude da participação na Polifeira do Agricultor, apenas três entrevistados não perceberam uma grande diferença na execução das suas atividades (E3, E4 e E10), pois já estavam com os seus negócios mais desenvolvidos e consolidados antes da entrada na feira, embora tenham sinalizado que ocorreram algumas mudanças.

As principais mudanças percebidas pelos produtores, em detrimento do começo de trabalho na Polifeira do Agricultor foram: aprender a trabalhar sem agrotóxico, lidar com o público em um ambiente universitário, realizar as atividades de forma organizada, ter um suporte para a resolução dos problemas e a oportunidade de aumentar a variedade de produtos trabalhados.

Conforme relato do Geraldo André Raddatz, uma característica que a Polifeira estabeleceu desde o seu início, e que exigiu mudanças radicais nas formas de trabalho dos produtores foi a decisão de vetar o uso de agrotóxicos. Esta decisão buscou uma produção limpa e conseqüentemente, uma melhor qualidade dos produtos para o público consumidor. Ainda segundo o produtor, esta exigência por parte dos responsáveis pelo projeto da Polifeira talvez tenha impactado no número de famílias que efetivamente aceitaram fazer parte do início das atividades.

Além do Geraldo André Raddatz, os entrevistados E2, E6, E7, E9 e E11 também mencionaram os desafios enfrentados ao deixarem a forma tradicional de produção, também chamada de produção convencional. O entrevistado E7 relatou com entusiasmo, o início da utilização de uma solução composta por 80% de água com 20% de leite de vaca, que pode ser aplicada nas hortaliças com o objetivo de combater o mofo nas folhas, principalmente na cultura da couve. Já o entrevistado E9 mencionou ter aprendido a cultivar plantas que substituem o uso de agrotóxicos, como por exemplo a mostarda, considerada uma “planta sacrifício” por centralizar o ataque de pragas poupando as demais hortaliças e o coentro, que é plantado nas bordas dos canteiros pois espanta os bichos em razão do seu cheiro forte.

Na visão de Hazael, atual responsável técnico no projeto, além do desafio de orientar novas formas de produção, a interação com os produtores e todo o meio também foi algo que gerou aprendizado, pois ele era um pós graduando quando assumiu a atividade, não tinha a experiência de trabalho prático, e muito menos o trabalho com extensão rural, o que é algo extremamente desafiador e ao mesmo tempo gratificante, pois possibilita observar na feira os produtos de qualidade, com tamanho e beleza, e ver o orgulho que os produtores tem de ter esse produto.

Outro ponto mencionado pelos entrevistados se refere ao trabalho dentro de uma universidade, e os benefícios decorrentes de estar dentro de um ambiente considerado como diferenciado por parte dos produtores. A maioria dos entrevistados sinalizou de forma positiva o contato advindo das relações com os consumidores. O entrevistado E1 afirmou desenvolver um cuidado maior na hora de falar, no qual a entrevistada afirmou começar a falar “palavras mais modernas”. O entrevistado E3 afirma que inclusive já recebeu visitas em sua propriedade de consumidores da universidade, que se interessaram em conhecer o processo de fabricação dos sucos. O entrevistado E4 mencionou a importância do trabalho com os professores, e não somente os professores da agronomia, mas também o que ela aprende diariamente com professores de diversos cursos.

Com relação a organização do projeto, os entrevistados E3, E5, E8, E10 e E11 evidenciaram a importância de trabalhar de forma organizada, no qual cada pessoa tem conhecimento sobre a sua função e o executa de maneira correta. No que diz respeito às suas atividades como produtores, houve uma melhora na definição do que produzir/levar para comercialização, pois cada feirante preenche uma planilha de controle, no qual precisam apontar a quantidade de produtores que levaram e também o que foi efetivamente vendido. Segundo Hazael, isto não tem o objetivo de controlar a renda dos produtores, mas sim instruí-los de como se deve realizar o controle dos produtos que mais vendem e também daqueles que mais sobram, para evitar desperdícios ou faltas em feiras subsequentes.

Uma questão que foi mencionada de forma unânime entre os entrevistados foi com relação ao suporte que é proporcionado pelos membros do projeto como um todo, tanto em relação aos professores, como em relação aos alunos e técnicos. O entrevistado E9 afirmou que não é possível trabalhar com a agricultura limpa sem o acesso à cursos, evidenciando a importância das oportunidades de aprendizagem proporcionadas pelo projeto, pois os produtores têm acesso inclusive a viagens para capacitação.

Com a comercialização dos produtos na Polifeira, alguns produtores afirmaram aumentar a variedade dos seus produtos (E1, E2, E4, E6, E7, E8 e E11). No momento da entrevista, os novos produtos foram apresentados, como por exemplo, novos sabores de bolos, cactos e flores, fondue com frutas, chips de batata, algumas hortaliças, entre outros. O entrevistado E2 salientou que por meio das conversas com os outros produtores e técnicos da feira, começou a aproveitar os espaços de terra da sua propriedade de uma forma melhor, conseguindo ampliar a diversidade dos seus produtos. A entrevistada E5 afirma ter descoberto a utilidade de uma série de plantas que possuía na sua propriedade ao conversar com a produtora que possui banca ao lado da dela, e que inclusive já testou algumas descobertas em seus bolos.

Alguns entrevistados mencionaram ainda que a tarde de comercialização dos produtos na universidade, também funciona como uma espécie de lazer. O entrevistado E5 afirmou esquecer de todos os problemas enquanto conversa com as pessoas e oferece os seus produtos durante a tarde. O entrevistado E7 relatou que parece que ele e a esposa se distraem mais com a feira, pois “já conhecem todo mundo, e conversam com todos”.

5.3 ELEMENTOS DA APRENDIZAGEM SOCIAL PARA SUSTENTABILIDADE

Com base nos cinco elementos da aprendizagem social identificados por D'Angelo e Brunstein (2014) em um projeto que envolve a agricultura sustentável, além dos postulados pelos demais autores descritos no referencial teórico deste estudo, esta seção procura relacionar as informações obtidas por meio da coleta de dados com a teoria acerca do tema.

O primeiro elemento, referente *ao reconhecimento de problemas e conflitos*, como um ponto inicial para um processo de aprendizagem social para sustentabilidade, está presente na Polifeira do Agricultor, no tocante a proposta da produção limpa, sem o uso de agrotóxicos. Esta característica vai ao encontro com o postulado por Amaral e Brunstein (2017) que afirmam que a aprendizagem social pode estimular pessoas a desafiarem práticas existentes, podendo ser desencadeada por um conjunto de competências que estão presentes nos sistemas sociais.

Outra questão que também foi pretendida pela Polifeira é o estabelecimento de uma cadeia com um número menor de intermediários entre o produtor e o consumidor, fortalecendo a agricultura familiar da região. Esta questão apresentou um diferencial para a cidade durante a greve geral dos caminhoneiros, ocorrida em junho deste ano, pois os agricultores pertencentes a este projeto puderam realizar uma feira para abastecer a população local, pois eram os únicos na cidade a possuírem os produtos para comercialização.

Outro aspecto que integra este primeiro elemento são os conflitos de interesses que se fazem presentes, sendo que foram identificados três atores sociais com interesses distintos neste projeto:

- (1) Colégio Politécnico da UFSM: Dar suporte ao projeto, possibilitando a experiência prática dos seus alunos de cursos técnicos e oportunizar que os profissionais envolvidos vivenciem a relação teoria/prática;
- (2) Produtores rurais: Obter retorno financeiro com a comercialização dos produtos e estabelecer relações de amizade;
- (3) Prefeitura Municipal de Santa Maria: Disponibilizar para a comunidade uma oferta de produtos limpos de agrotóxicos;

Como descrito acima, todos os atores envolvidos no projeto da Polifeira do Agricultor, contribuem para a oferta de produtos saudáveis e para o desenvolvimento de uma estreita relação entre produtores e consumidores, integrando um processo de aprendizagem social e reiterando o pensamento de “aprender juntos para gerenciar juntos” (HAMONICOP, 2003).

O segundo elemento, que diz respeito *ao reaprender uma nova forma de conciliar interesses*, é evidenciado pelas mudanças apresentadas pelos atores para que todos pudessem alcançar os seus objetivos individuais, ao mesmo em que contribuem para o objetivo geral do projeto. Para que o projeto tenha êxito, duas regras principais foram estabelecidas para os produtores: ausência de agrotóxicos em seus processos produtivos e a permissão de comercialização de produtos unicamente produzidos por eles.

Para o controle do cumprimento destas regras, são realizadas visitas semanais por técnicos e alunos do Colégio Politécnico, no qual são recolhidas amostras que se destinam a análises nos laboratórios da universidade. Há também o auxílio de uma bolsista do projeto que se destina a verificar se os produtores estão utilizando uniforme, se as bancas estão bem montadas e se os produtos estão em conformidade com as leis.

Um ponto que foi bastante focado por parte dos organizadores do projeto, foi a conscientização dos produtores em relação aos benefícios gerados pela substituição dos agrotóxicos por outros meios. E para o sucesso deste processo, o agricultor responsável Geraldo André Raddatz foi de extrema importância ao auxiliar os colegas na mudança para novas práticas. Em seu relato, o produtor expõe a importância do projeto ao relatar as antigas práticas, afirmando que “a maior importância é o fato de termos modificado o antigo sistema de cultivo,

que podemos chamar de sistema convencional, em que eram nos oferecidos um pacote de agrotóxicos, fungicidas, um pacote de produtos, na agropecuária”.

Outra questão fundamental foi o suporte oferecido pelos membros do projeto, que estavam sempre presentes na resolução de dúvidas. Hazael de Almeida, resumiu este fato ao relatar que “nas escolas não se ensina a produção limpa e/ou orgânica, portanto é um grande desafio todo dia, por além de técnico tem que ser, administrador, empreendedor, psicólogo, amigo, conselheiro”.

Com os relatos apresentados se pode dizer que no caso da Polifeira do Agricultor, a aprendizagem social tanto é vista como um meio, como também um fim, de acordo com os pressupostos de Kilvington (2010). Como um meio, pois se faz presente nas relações e convívios sociais, no qual as informações são compartilhadas e, como um fim, pois é possível notar o quanto os atores sociais do projeto evidenciam o quanto mudaram com o decorrer do projeto.

O projeto da Polifeira do Agricultor apresenta estreita relação com o terceiro elemento, referente a *transformação de crises ambientais em oportunidades para negócios sustentáveis*, pois foi criada exatamente com o intuito de possibilitar um retorno para todos os envolvidos, com a presença do cuidado com o desenvolvimento sustentável. O professor Gustavo Pinto, idealizador do projeto, estudou durante o seu doutorado o mercado de circuito curto (feiras em geral), e depois que iniciou as suas atividades na UFSM dentro do colégio Politécnico, trabalhou com projetos de extensão, mas sempre pensando em desenvolver algo maior, que conseguisse fechar o ciclo dentro do projeto.

Para Hazael, a maioria dos projetos de extensão prevê somente uma “assistência técnica” para as propriedades, resultando em um artigo científico, o que não vai ao encontro do objetivo do produtor rural que busca um benefício maior, e nisso a Polifeira tem o seu grande diferencial, por oportunizar a escoamento do que é produzido, fechando o ciclo dentro da propriedade e gerando renda. Dessa forma o projeto tem uma ação fundamental, pois oportuniza geração de renda, auxílio de assistência técnica dentro da propriedade, e com papel de ensino, pois a casa dos produtores serve de sala de aula para os alunos colocarem em prática o que veem nas disciplinas, aliando a teoria com a prática. Desta forma nota-se a presença das práticas relacionais, ou seja, atividades que são desenvolvidas por meio de envolvimento social dentro de um contexto e que buscam resultados, conforme citado por Harmonicop (2003)

O quarto elemento, que trata da estruturação de um modelo de gestão e implementação para o desenvolvimento de negócios sustentáveis, diz respeito aos esforços realizados para o desenvolvimento de uma estrutura que possibilite o funcionamento da Polifeira. Dentro do projeto todas as partes têm conhecimento do seu papel, e de acordo com os entrevistados, vem desempenhando-o de forma eficiente.

A estrutura desenvolvida tem o objetivo de oferecer todo o suporte necessário aos atores sociais do projeto. Por parte do colégio Politécnico, foram identificados os seguintes atores:

- (1) Idealizador e coordenador geral do projeto: responsável pelas questões gerais relacionadas ao projeto;
- (2) Coordenador técnico do projeto: responsável pelas visitas técnicas e resolução de problemas técnicos;
- (3) Estudante curso técnico agropecuário: auxilia no trabalho com os produtores;
- (4) Estudante curso técnico em gestão e meio ambiente: responsável pelo cumprimento das regras do projeto;
- (5) Estudante curso técnico em alimentos: Responsável por auxiliar os produtores com relação às práticas na produção de alimentos;
- (6) Aluno do curso de jornalismo: Responsável por trabalhar na divulgação da feira.

Os produtores possuem um mesmo nível de atuação, com a exceção do Geraldo André Raddatz, que auxiliou na implementação do projeto inicial e responde pelos colegas em caso da ausência do pessoal do colégio Politécnico.

Com relação a sua estrutura, a feira é realizada nas quintas-feiras dentro do campus da Universidade Federal de Santa Maria, em frente ao Planetário, onde cada agricultor monta a sua barraca para dar início às atividades do dia, semelhantemente com o que ocorre nas terças-feiras na Praça dos Bombeiros, no centro da cidade.

Um ponto negativo citado pelos produtores em relação a estrutura disponibilizada para a realização das feiras no centro, diz respeito à falta de energia elétrica na Praça dos Bombeiros, o que impossibilita a comercialização de produtos perecíveis. No dia que estavam sendo realizadas parte das entrevistas, notou-se a presença de profissionais da Prefeitura Municipal de Santa Maria iniciando a instalação do poste de luz, o que alegrou parte dos produtores.

O último elemento, que se refere a coordenação da implementação de uma estratégia para dar suporte aos negócios sustentáveis em uma rede de atores sociais, é de responsabilidade do colégio Politécnico, que procura se fazer sempre presente na resolução de problemas e garante as condições para a realização das feiras. Dentro deste grupo, são realizados cursos e capacitações para que os produtores tenham acesso aos métodos de produção limpa, conhecimento sobre o envase, forma de embalar os produtos, e até mesmo como se comunicar com os clientes no momento da realização das vendas. O entrevistado E9 relatou a mudança ocorrida em virtude da participação no projeto, em seus produtos. Foi possível perceber um rótulo em todos os produtos do tipo geleias, compotas, açúcar mascavo, melado entre outros. De acordo com o produtor, nada disto existia antes da feira.

Por outro lado, os produtores estão sempre buscando o aprimoramento dos métodos de produção, com a realização de testes em suas propriedades. Por meio das conversas com os clientes, há também a busca pela diversificação dos produtos oferecidos, na busca de atingir um público maior. De acordo com o entrevistado E3 “a ideia que todos temos em comum aqui, é sairmos melhores do que entramos”. Para o entrevistado E7, as relações criadas dentro do projeto já estão transpassando o âmbito profissional, pois ocorrem visitas entre as famílias, com o compartilhamento de informações e inclusive, campeonatos de bocha e refeições coletivas entre os participantes. Foi observado por parte dos pesquisadores o quanto alguns produtores se ajudam, pois há auxílio na montagem das barracas e até mesmo no atendimento dos clientes. Foi possível notar que enquanto um produtor foi buscar um produto no caminhão, a produtora ao lado realizou uma venda para ele, colocando o dinheiro recebido no caixa do produtor. Estes relatos corroboram a visão de Bouwen e Taillieu (2004) que afirmam que o conhecimento e realidade são construídos por meio de interações sociais durante práticas e experiências conjuntas, quando os participantes se encontram em ações e conversas.

Mas a tarefa nem sempre é fácil, o que demonstra a importância de se ter uma estrutura que possibilite o controle e auxílio aos atores sociais do projeto, de modo que o andamento das atividades ocorra de maneira correta. Segundo relatos do entrevistado E9, já ocorreu o caso de produtores desistirem do projeto porque foi encontrada a presença de agrotóxicos em seus produtos, por meio das análises de que são realizadas.

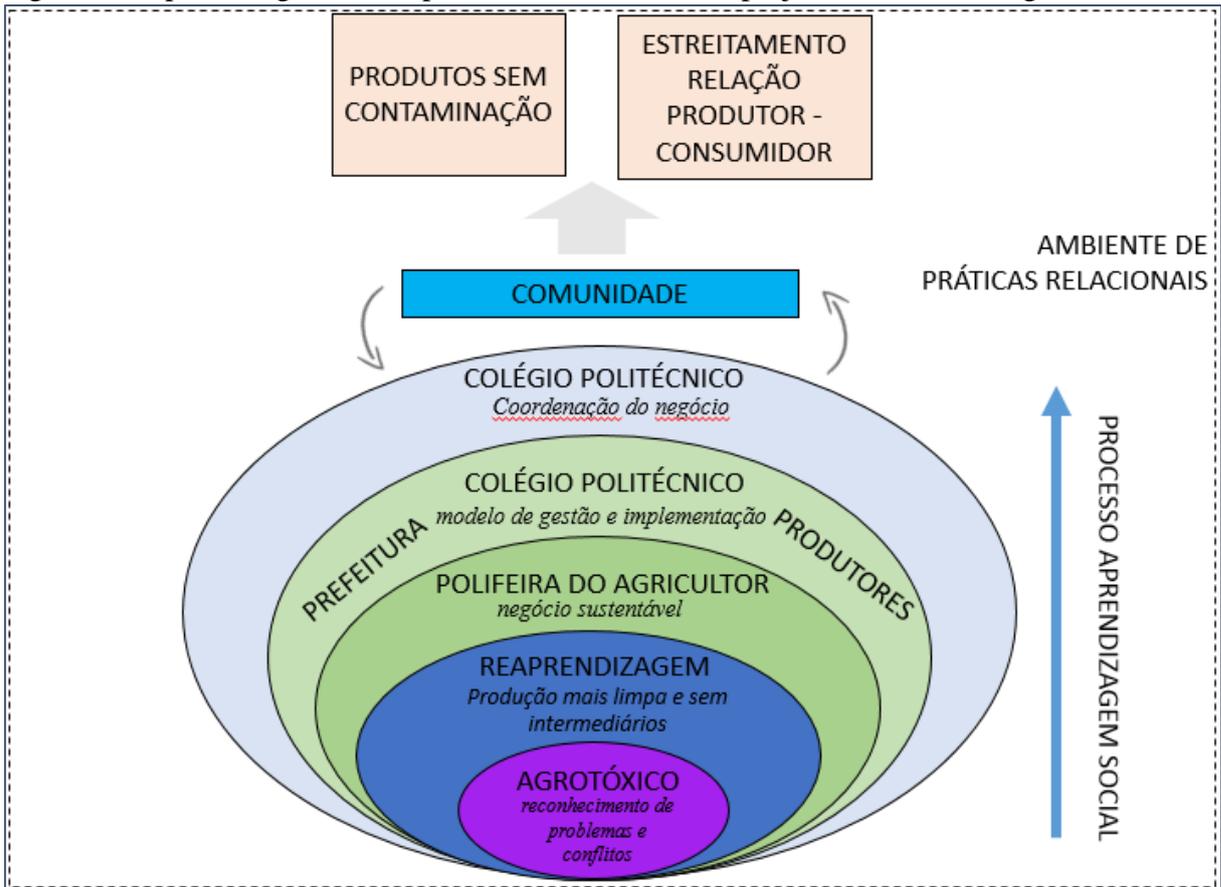
A entrevistada E11, demonstrou durante a entrevista uma relação que diferiu dos outros 11 entrevistados, no qual afirmou que existe conversa sim com outros colegas, mas, “mas cada um é cada um” e ainda reiterou “cada um na dele e deu”. Para Hazael,

a relação entre os produtores é boa, mas sempre tem aquele que é mais desinibido, aquele que fala mais, o fofoqueiro, logo, sempre tem alguns que tem somente relação de trabalho e não de laços maiores, mas esses são casos mais isolados que veem os demais feirantes como concorrentes.

Com os resultados obtidos, foi possível identificar, de certa forma, os três fatores-chave para o estímulo da aprendizagem social de Amaral e Brunstein (2017). Existe a troca de experiências entre os atores sociais; o estímulo à qualidade de um diálogo mais aberto e democrático e, o último fator referente a necessidade de um mediador, o Educador Social, responsável pelo processo de facilitação das discussões e reflexões, se dá por meio da equipe que integra o projeto.

A Figura 2 busca sintetizar os resultados apresentados, por meio da relação entre os principais pontos identificados na coleta de dados e os postulados teóricos.

Figura 2 – Aprendizagem social para sustentabilidade no projeto Polifeira do Agricultor



Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme destacado na Figura 2, o primeiro elemento do modelo de D’Angelo e Brustein presente no projeto da Polifeira do Agricultor é a busca pelo trabalho sem agrotóxicos. A partir desta decisão, parte dos atores sociais (produtores) integrantes do projeto precisaram aprender a executar as tarefas de uma forma diferente, enquanto a outra parte (Colégio Politécnico da UFSM e Prefeitura Municipal de Santa Maria) trabalharam com o intuito de dar suporte aos produtores, para que as mudanças fossem possíveis. O terceiro elemento, referente ao desenvolvimento de oportunidades de negócios sustentáveis, diz respeito justamente à Polifeira do Produtor, projeto que desde o seu início, teve como objetivo o retorno financeiro para os produtores ao mesmo tempo em que houvesse a geração de benefícios socioambientais. O quarto elemento se refere ao modelo que precisou ser construído pelos atores para que a iniciativa saísse do papel, com a divisão das tarefas entre os envolvidos.

A partir da estruturação de um modelo de gestão e implementação, dá-se o último elemento, referente à coordenação do negócio. Esta coordenação é de responsabilidade principal do Colégio Politécnico da UFSM, contando também com a participação de um

representante dos produtores rurais. Para a comunidade, são disponibilizados produtos sem a presença de agrotóxicos e intermediários, ou seja, um produto que estreita a relação entre os produtores rurais e o público consumidor.

Torna-se importante reiterar que na prática, estes atores sociais se relacionam com a comunidade, no qual ocorrem ricas trocas de conhecimento e o fortalecimento de relações de amizade entre os envolvidos. Neste ambiente todo, ocorrem as práticas relacionais, termo que segundo Bouwen e Taillieu (2004, p. 144) são “essencialmente ações orientadas a tarefas com qualidades relacionais de reciprocidade e algum tipo de reflexividade”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar a Polifeira do Agricultor como uma iniciativa que se destaca no que tange o fortalecimento do desenvolvimento sustentável local e, também, considerando a aprendizagem construída entre os atores envolvidos (universidade, consumidores, feirantes), o presente estudo teve como objetivo identificar aspectos da aprendizagem social para a sustentabilidade na Polifeira do Agricultor.

O conhecimento gerado por meio da interação entre os envolvidos demonstra o potencial de criação oportunidades aos pequenos agricultores, tanto no que diz respeito à capacitação quanto à troca realizada entre os próprios feirantes e com a comunidade. Neste sentido, destaca-se que desde que começaram a participar da Polifeira do Agricultor muito feirantes relataram que aprender a trabalhar sem agrotóxico, lidar com o público em um ambiente universitário, realizar as atividades de forma organizada, ter um suporte para a resolução dos problemas e a oportunidade de aumentar a variedade de produtos trabalhados.

Em relação aos aspectos da aprendizagem social para a sustentabilidade, tem-se que o elemento *reconhecimento de problemas e conflitos* pode ser identificado no que diz respeito a exigência de trabalhar-se com a produção limpa, livre de agrotóxicos. Já o segundo elemento, *conciliar interesses*, é evidenciado quando se considera as mudanças realizadas pelos atores em suas práticas para que todos pudessem alcançar os seus objetivos individuais, ao mesmo em que contribuem para o objetivo comum. Assim, a aprendizagem social na Polifeira do Agricultor se faz presente nas relações e interações sociais originárias do convívio, com o compartilhamento de informações e, também, resulta em mudanças de atitudes e comportamentos dos atores sociais no decorrer do projeto.

Quando analisado o terceiro elemento, que se refere a *transformação de crises ambientais em oportunidades para negócios sustentáveis*, nota-se que a feira foi criada exatamente com o intuito de possibilitar um retorno para todos os envolvidos, com a presença do cuidado com o desenvolvimento sustentável. Isto está relacionado ao quarto elemento, *estruturação de um modelo de gestão e implementação para o desenvolvimento de negócios sustentáveis*, aonde evidencia-se esforços realizados para o desenvolvimento de uma estrutura que possibilite o funcionamento da Polifeira. Por fim, no que se refere a *coordenação da implementação de uma estratégia para dar suporte aos negócios sustentáveis em uma rede de atores sociais*, nota-se o papel e a responsabilidade do colégio Politécnico em realizar ações que auxiliem na resolução de problemas e possibilitem as condições para a realização das feiras.

Finalmente, como limitação do estudo pode-se citar o número reduzido de consumidores respondentes ao questionário, ficando estes concentrados em servidores e alunos da Universidade Federal de Santa Maria. Desta forma, como sugestão para estudos futuros, tem-se a realização de uma pesquisa mais ampla com os consumidores de forma a aprofundar os resultados. Além disso, tem-se a oportunidade de realizar estudos semelhantes em iniciativas como a Polifeira do Agricultor existentes em outras instituições afim de traçar um paralelo e ampliar o nível de análise sobre a contribuição da aprendizagem social para sustentabilidade neste contexto.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. El “estado del arte” de la agroecología y su contribución al desarrollo rural en América Latina. In: CADENAS MARÍN, A. (ed.). **Agricultura y desarrollo sostenible**. Madrid: MAPA, 1995.

AMARAL, D. G.; BRUNSTEIN, J. Aprendizagem social para sustentabilidade: a experiência de um programa empresarial de mulheres empreendedoras em situação de pobreza. **Revista de gestão social e ambiental**, v. 11, n. 3, p. 2-20, 2017.

BANDURA, A. **Social learning theory**. Prentice-Hall, Englewood Cliffs, New Jersey, USA, 1977.

BOUWEN, R.; TAILLIEU, T. Multi-party Collaboration as Social Learning for Interdependence: Developing Relational Knowing for Sustainable Natural Resource Management. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, v. 14, n. 3, p. 137-153, 2004.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

COSTABEBER, J. A.; CAPORAL, F. R. Possibilidades e alternativas do desenvolvimento rural sustentável. In: Vela, Hugo. (Org.): **Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural Sustentável no Mercosul**. Santa Maria: Editora da UFSM/Pallotti, 2003.

CRUZ, K. C. M. S.; VALENTE, A. L. E. F. Produção familiar, agronegócio e desenvolvimento local sustentável em área remanescente de quilombo um estudo de caso na comunidade Kalunga. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 42. **Anais**. Cuiabá, MT, p. 487-487, 2004.

D’ANGELO, M. J.; BRUNSTEIN, J. Social learning for sustainability: supporting sustainable business in Brazil regarding multiple social actors, relationships and interests, **International Journal of Sustainable Development & World Ecology**, 21:3, p.273-289, 2014.

ISON, R.; BLACKMORE, C.; IAQUINTO, B. L. Towards systemic and adaptive governance: Exploring the revealing and concealing aspects of contemporary social-learning metaphors, **Ecological Economics**, v. 87, p. 34-42, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GLASSER, H. Minding the gap: the role of social learning in linking our stated desire for a more sustainable world to our everyday actions and policies. In: Wals AEJ, editor. **Social learning: towards a sustainable world**. Wageningen: Wageningen Academic, 2007.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas – RAE**. v. 35, n. 3, p. 20-29. 1995.

HARMONISING COLLABORATIVE PLANNING, HARMONICOP. Learning together to manage together: improving participation in water management, Osnabrück, 2005.

KEEN, M.; BROWN, V; DYBALL, R. **Social learning in environmental management: towards a sustainable future.** Londres: Earthscan, 2005.

KILVINGTON, M. **Building Capacity for Social Learning in Environmental Management.** 2010. 365f. Tese (Doutorado em Filosofia)- Lincoln University, Canterbury, Nova Zelândia, 2010.

MALHOTRA, K. N. **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada.** 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

RAMOS, G. A. **A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações.** Rio de Janeiro/RJ: FGV, 1981.

RODELA, R. The social learning discourse: Trends, themes and interdisciplinary influences in current research, **Environmental Science & Policy**, v. 25, p. 157-166, 2013.

ONU. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**, 2015. Disponível em: < <http://www.agenda2030.com.br/biblioteca/Agenda2030-completo-site.pdf> >. Acesso em: 28 de junho de 2018.

UFSM. UMA: UFSM sustentável. **Polifeira.** Disponível em: <http://coral.ufsm.br/uma/index.php/2017-10-10-14-38-12/Polifeira>>, Acesso em: 28 de junho de 2018.

UNESCO, **Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável, 2005-2014:** documento final do esquema internacional de implementação. Brasília, 2005.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4 ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

WALS, A. E.; RODELA, R. Social learning towards sustainability: Problematic, perspectives and promise. **NJAS-Wageningen Journal of Life Sciences**, v. 69, p. 1-3, 2014